



III SRCCC

Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades

Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

A CONFECÇÃO DO BORDADO E SUA PARTICIPAÇÃO NOS CIRCUITOS DA ECONOMIA: O DISTRITO DE SAPUPARA, EM MARANGUAPE – CE

Gerlaine Cristina Silva Franco ¹

Alexsandra Maria Vieira Muniz ²

Samuel Tavares Pinheiro ³

Nara Gabrielle de Sousa Silva ⁴

RESUMO

Em uma sociedade capitalista, a forma que os homens interagem entre si e com a natureza atrelados ao desenvolvimento tecnológico dessa sociedade e sua divisão social do trabalho (re)produz espaços cada vez mais diferenciados. O objetivo desse artigo é analisar a confecção do bordado pelas bordadeiras da Confecção Dona Maria do Carmo e sua participação nos circuitos da economia; de forma a investigar a complexidade da atividade, desde a produção até a comercialização do bordado *richelieu* – tipo de bordado tradicional no município de Maranguape. Para tanto, o seguinte percurso metodológico foi traçado: levantamento bibliográfico; análise documental e estatística; trabalho de campo; elaboração de material cartográfico e tabulação de dados. Evidenciamos a interação do Setor Inferior da economia – aqui representado pela confecção do bordado *richelieu* por parte das bordadeiras da Dona Maria do Carmo – com o Superior – representado por empresas como a Água de Coco – e a forma como as bordadeiras encontraram em se inserir na sociedade de consumo por meio dessa atividade artesanal. A delimitação espacial para a realização desse estudo foi o distrito de Sapupara em Maranguape – CE onde a produção do bordado influencia na organização intra-urbana, impulsionando a criação de novos fixos e na dinâmica urbana pelos fluxos gerados.

Palavras-chave: Indústria; Bordado; Comércio.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia se diferencia das demais Ciências Sociais pela forma como objetiva a sociedade. Essa objetivação se dá pelo estudo do espaço geográfico e sua organização, isto é, através da dimensão da totalidade social que fora construída pelo homem em razão da sua própria tentativa de existir. Nessa ânsia de existir do homem, o espaço geográfico é produzido e reproduzido pela forma com que se relacionam entre si e com a natureza por meio do seu trabalho social (CORRÊA, 1986).

É no sistema capitalista que ocorre uma constante transformação do espaço. Os diferentes fixos construídos são vistos como meio de vida no presente (produção) e condição para o futuro

¹ Graduanda no curso de Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará, E-mail: gerlainesilva0@gmail.com

² Prof.ª Dr.ª do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, E-mail: geoalexia@gmail.com

³ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará, E-mail: samuelpinheiro32@gmail.com

⁴ Graduanda no curso de Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal do Ceará, E-mail: naragabrielle@outlook.com

(reprodução); a complexidade espacial existente na sociedade de classes exige a repetição das seguintes etapas: produção, circulação, consumo e controle/decisão. Segundo Coraggio (1979, apud CORRÊA, 1986) essas operações capitalistas resultarão em localizações fixas as quais entendemos como sendo conjuntos de formas; e em fluxos, que podem ser de pessoas e bens, etc.

Ao que tange as etapas acima citadas, um importante fixo de produção é a indústria, por provocar mudanças espaciais ao desencadear fluxos de trabalhadores, capitais e mercadorias. É importante ressaltar que o processo de industrialização não se realizou de forma homogênea em todos os países, tendo como exemplo o Brasil, cujo processo se deu de forma tardia e diferenciada entre as regiões (SANTOS; SILVEIRA, 2002).

Até meados de 1950, o *locus* industrial era a antiga região Sudeste do Brasil, que compreendia os estados de São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (GRUPO DA GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS, 1963). Com o aprimoramento da tecnologia, a circulação intensa de informações e a globalização, formava-se um quadro peculiar que contribuiu para uma reorganização do território brasileiro, fruto da reestruturação do sistema capitalista. Segundo Gomes (2011) o termo reestruturação não significa imposição de uma nova estrutura, mas um movimento de continuidade e descontinuidade, um processo dialético. Ainda segundo a autora, essa reestruturação só acontece quando as estruturas socioespaciais, que são necessárias à acumulação, tomam-se maneira de alavancar o crescimento, logo, a produção e a reprodução do capital. Nesse contexto as indústrias, até então localizadas em sua maioria nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, vão em busca de novos espaços dotados de infraestrutura, mão de obra barata e matéria-prima. Assim, novos espaços são convocados a se adequarem as necessidades específicas da acumulação capitalista.

No Nordeste, bem como no Ceará, o Estado atua como principal agente da reprodução do espaço, através de políticas de incentivos fiscais e das novas estruturas criadas para atender a essa demanda. A “guerra dos lugares” (SANTOS; SILVEIRA, 2002) surge no atual contexto, impulsionada pelas políticas de incentivos fiscais e redução de impostos para atrair indústrias, ou ainda, para evitar deslocamento das mesmas.

A indústria no Ceará se caracteriza por três momentos distintos. *A priori*, se deu a partir dos ramos da Indústria têxtil, couro e óleos vegetais; o segundo momento é marcado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, criada em 1959, graças às políticas nacionais de promoção do desenvolvimento Industrial que torna esta região palco de transformações espaciais; e por último em decorrência da reestruturação da economia mundial apontada anteriormente, que afetou também o país (AMORA, 2005).

No percurso da industrialização no Ceará, Fortaleza e os municípios de sua região metropolitana (RMF) despertam investimentos entre os agentes produtores. Notadamente na terceira e atual fase da industrialização no espaço cearense, é a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) o espaço do Estado que mais atrai investidores, apesar do discurso da política de industrialização estadual de descentralizar as atividades produtivas e criar emprego nas cidades mais distantes da capital e na zona rural. A RMF emprega 1.029.352 de pessoas, sendo 18% do total no setor industrial (IPECE, 2014).

Segundo Santos (2015), há em Fortaleza e em sua Região Metropolitana uma pulverização da Indústria de confecção, intensificado nos municípios como Maranguape, Caucaia, Maracanaú e Pacatuba. O mesmo autor afirma que essa indústria de confecção na RMF se enquadra nas condições globais de produção, circulação e venda de mercadorias, tanto na escala local como na global. É, portanto, um importante segmento para o emprego de uma mão de obra que busca melhores condições de sobrevivência na cidade. (SANTOS, 2015)

Refletindo sobre a dinâmica industrial nos municípios que fazem parte da RMF nos deparamos com as relações construídas com a confecção do bordado no distrito de Sapupara, Maranguape – CE, onde essa atividade desempenha marco importante na história de seus habitantes.

A existência de uma “Indústria do bordado” em Sapupara, corresponde a nossa concepção de que o contexto visitado é marcado por processos, ao mesmo tempo, independentes e dependentes de um todo, ou seja, a Indústria do bordado corresponde à faceta do “todo articulado” do sistema capitalista com os processos produtivos das bordadeiras em Maranguape. Pudemos perceber a intrínseca relação entre a produção e comercialização do bordado na dinamização e influência organizacional de Sapupara, bem como do Município como um todo.

Dentre as confecções disponíveis no *locus* de nosso estudo, nos detivemos sobre a Confecção de Dona Maria do Carmo (CDMC), localizada no Distrito de Sapupara no município de Maranguape – CE. A nomeação dessa confecção se deu devido Dona Maria do Carmo ser considerada umas das bordadeiras mais antigas do município e influenciar, cada vez mais, mulheres a trabalhar na produção do bordado. O critério de escolha dessa confecção se dá pela intensa produção e comercialização do bordado *richelieu*, através do trabalho em cooperação, por mais de quarenta bordadeiras da CDMC – advindas de diversas localidades de Maranguape, incluindo principalmente Tabatinga, Cajazeiras, Jardim, Vassoura e outros –, cujo resultado final de seus produtos se direcionam à diferentes locais do estado, incluindo a capital Fortaleza, como também em outras partes do país; e ainda, pelo fato da mesma demonstrar intrínseca relação entre os *circuitos da economia*: o inferior, a qual a mesma se insere, e o superior representado por diversas empresas.

Para a realização desse estudo o seguinte percurso metodológico foi traçado: Levantamento bibliográfico em *sites* e bibliotecas; análise documental e estatística, com dados buscados em órgãos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC); trabalho de campo; elaboração de material cartográfico; e tabulação dos dados.

O objetivo principal desse trabalho é, portanto, analisar a confecção do bordado pelas bordadeiras de Dona Maria do Carmo no distrito de Sapupara em Maranguape-CE, e a participação desta confecção nos circuitos da economia; de forma a investigar a complexidade da atividade desde a produção até a comercialização do bordado *richelieu*; e ainda, demonstrar a influência da CDMC na organização intra-urbana do município pela criação de novos fixos e ao impulsionar vários fluxos.

2. O BORDADO SAPUPARENSE E A PRODUÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO

Maranguape já fazia parte da RMF antes da instituição pela Lei Complementar nº 14, de 6 de junho de 1973, que criou as primeiras regiões metropolitanas no Brasil. A Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) era inicialmente constituída pelos municípios de Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz.

Dos dez municípios com maior PIB em 2011, dentre os que fazem parte da RMF, Maranguape (7º) destaca-se atrás de Fortaleza (1º), Maracanaú (2º), Caucaia (3º), Eusébio (4º), São Gonçalo do Amarante (5º), Horizonte (6º). Com um PIB de R\$802.652 contra R\$87.982.450 do Estado. Já o Produto Interno Bruto, segundo a Estrutura Setorial enquanto em 2001 o destaque era para Indústria com 51,3%, seguido dos Serviços com 44,8% e da Agropecuária com 3,9%. Em 2011 o destaque fica para o setor de Serviços com 63,18%, seguido da Indústria com 32,21% e da Agropecuária com 4,61%, tendência que já era uma realidade na escala estadual com preponderância dos serviços.

Em Maranguape, há indústrias têxteis, de confecção, de alimentos, de calçados, com destaque para a representatividade da Dakota (estando também com outra unidade em Russas) que emprega, neste município, cerca de 1700 pessoas diretas.

A produção do bordado é uma tradição no município de Maranguape onde "há um total de 690 indústrias, sendo as indústrias têxteis e de confecção: Têxtil Itajaí do Nordeste, Hope do Nordeste, Micrel Benfio Têxtil, Banana Nanica Indústria de Confecções, Arte Modas, Rosa de Sarom" (MUNIZ, 2016:18)

Muniz (2014) analisa a dinâmica industrial têxtil e de confecção no espaço cearense e metropolitano em que destaca dentre outras coisas a importância da produção industrial e têxtil e de

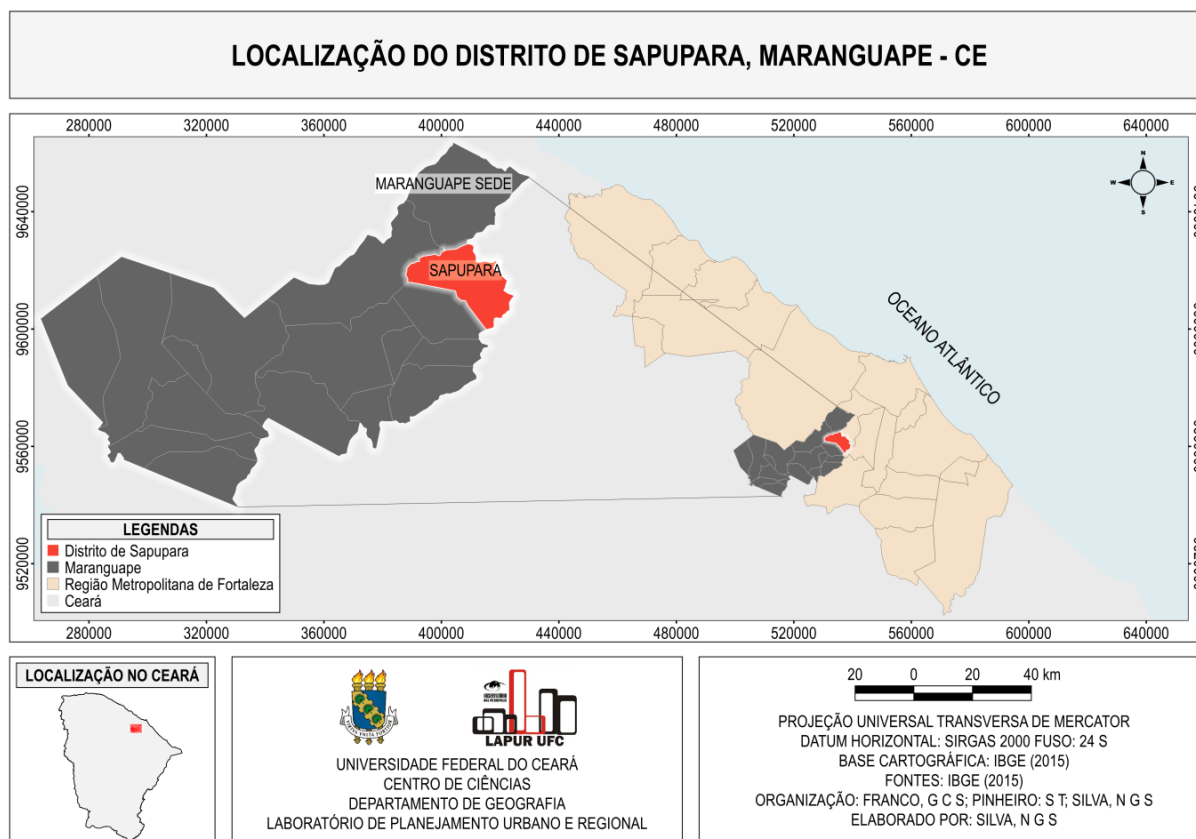
confecção na produção espacial de Maranguape. Dentre as indústrias têxteis cearenses da primeira metade do século XX, já aparece desde 1924 a indústria Maranguape do Grupo J. Macedo. Dentre as indústrias do ramo têxtil presentes em Maranguape na década de 1960, temos: Induchenil em 1966 de Perboyre Quinderé e Chenille do Nordeste S/A (Chenosa) em 1967 do Grupo Collares. Dentre Indústrias Têxteis ativas nas décadas 1970 em Maranguape temos a Tapetelene em 1975, do Grupo Collares. Já dos anos de 1990 até nossos dias temos a Micrel Benfio (1991) de Jeová Colares Júnior.

Analisando dados do IPECE dentre as Indústrias de Transformação ativas por principais gêneros, segundo os municípios da RMF em 2012 a Têxtil e de confecção em Maranguape somavam um total de 250.

Para elucidar a discussão acerca da produção do espaço urbano maranguapense a partir da produção, circulação e consumo do bordado, destacamos como objeto de estudo a Confecção de Dona Maria do Carmo (CDMC). Esta escolha se deu a partir da percepção da importante representatividade que esta possui no município e Estado do Ceará.

2.1. A Confecção Dona Maria do Carmo (CDMC) e seu papel na organização intra-urbana

É no Distrito de Sapupara (Mapa 1) a cerca de 9 quilômetros da sede municipal de Maranguape, que se localiza a Confecção Dona Maria do Carmo, formada por mais de 40 bordadeiras residentes em diferentes bairros no Município de Maranguape (Tabatinga, Alto João Grande, Jardim, Cajazeiras, Vila Nova e Vassouras). Com o diferencial de produzir bordados, esta possui fundamental importância para movimentar a economia do município, através da atração de turistas e comercialização da produção em diversas escalas.



Mapa 1: Distrito de Sapupara, em Maranguape - CE

Fonte: Franco; Pinheiro; e Silva (2017).

A confecção aqui enfocada está diretamente associada ao ramo da Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos, que segundo dados do RAIS/CAGED (2014) emprega 62.775 pessoas no estado, sendo mais de duas mil pessoas empregadas no município de Maranguape.

A opção pelo distrito de Sapupara se justifica por apresentar-se como a localidade onde ocorre a maior produção, valorização, procura por produtos e representatividade de bordadeiras em Maranguape. A confecção se localiza na Avenida Tabatinga, nº 2276, próximo à rodovia estadual CE-065, que liga as cidades de Fortaleza, Maracanaú, Maranguape, Palmácia, Pacoti, Guaramiranga, Mulungu e Aratuba.

Dentre as produções artesanais da CDMC destaca-se o *richelieu*, um bordado de grande importância para a região por sua qualidade de exprimir uma tradição local, bem como por possuir um grande valor comercial, destacando o município no cenário nacional e sendo fomentador da criação de empregos. Este tipo de bordado originalmente é associado ao tecido de linho branco (Figura 1), todavia, atualmente ele é bordado em vários artigos, em tons e cores que realçam ainda mais sua beleza e excelência. A respeito do bordado *richelieu*, SILVA (2012) afirma:

É um bordado vazado e o que se sabe sobre sua denominação é que foi um tipo de bordado muito utilizado como adorno pelo Sr. Cardeal de Richelieu que fazia parte da corte do Rei Luís XIII na França, daí a designação de Bordado de Richelieu. A base para a elaboração do richelieu são, principalmente, os tecidos de linho fino, por suas características que cooperam para a perfeição do acabamento. Atualmente, por ser muito apreciado, o richelieu pode ser aplicado em artigos de cama e mesa e em peças de vestuário, como é muito utilizado no acabamento de vestidos de noivas. (SILVA, 2012, p. 1-2)



Figura 1 – *Richelieu* em peça de vestuário.

Fonte: Franco (2015).

O bordado sapuparense está diretamente ligado a duas vertentes. A primeira permeia em torno de sua importância cultural, seu valor simbólico que se reflete na identidade de um determinado grupo social. A segunda é reflexo de seu valor de mercado às múltiplas relações surgidas a partir do desempenho dessa atividade e as possibilidades advindas de sua comercialização.

2.2. Etapas da produção do bordado *Richelieu* na CDMC

Como forma de compreender o processo produtivo do bordado *richelieu* na CDMC, se faz necessário conhecer as etapas executadas para tal. No início do processo têm-se a elaboração do desenho do bordado em papel vegetal. Na etapa seguinte é realizada a perfuração do contorno do desenho com alfinete. Na terceira etapa faz-se o decalque do desenho no tecido, que consiste na transferência do desenho para o tecido. Seguido pela seleção das cores do bordado, montagem do tecido no bastidor, execução do bordado na máquina de costura, recorte das partes vazadas do desenho, acabamento, lavagem, secagem e finalização passando a peça a ferro, respectivamente.

Posteriormente a fase de produção das diversas mercadorias, a distribuição e venda se dão de forma particular. Obedecendo a demanda, a produção é destinada para todo o território nacional em razão, principalmente, do reconhecimento do trabalho conquistado por Maria do Carmo, sendo também a bordadeira mais antiga na região.

Apesar de seguir a lógica de organização cooperativa, a CDMC vincula-se as especificidades do sistema capitalista. O entendimento das múltiplas relações nesse sistema nos leva ao entendimento que existe uma “Indústria do Bordado”, que representa para nós as múltiplas articulações no

desempenho dessa atividade, que vão desde os sujeitos envolvidos, a circulação e venda do *richelieu* à reprodução da vida e transformação espacial a partir dos fluxos gerados desse circuito.

Posto isto, pode-se observar como se dá o processo de produção, circulação e comercialização do bordado *richelieu* e como este influencia na reprodução da vida e produção espacial maranguapense, atuando como indutor de fluxos para os complexos circuitos que participa.

Diante disto, consideramos essencial atentar para a importância da participação da mulher no processo de produção do bordado *richelieu* na CDMC. A respeito do desempenho da mulher e o trabalho artesanal Fajardo; Calage; Joppert (2002, p. 20) afirmam que “o artesanato faz com que passem a acreditar em sua capacidade de trabalhar e criar. É também uma forma de capacitação em ofícios alternativos, que ajudam a complementar a renda familiar” demonstrando novas possibilidades de manifestar a vida e possibilidades no convívio familiar, onde outrora, apenas o homem era considerado o mantenedor do lar.

Com relação às bordadeiras que fazem parte da CDMC notamos que estas vêm em sua maioria de famílias com condições financeiras simples. A produção do bordado na CDMC é realizada de uma forma flexível quanto a localização e tempo e, para as bordadeiras, essa flexibilidade significa uma ausência de demarcação da jornada de trabalho, caracterizado pela associação entre o trabalho com o bordado e o trabalho doméstico. No Brasil, cada vez mais a inserção da mulher no mercado de trabalho (seja o formal ou informal) favorece a fonte de renda familiar e o trabalho realizado no ambiente doméstico corrobora para isso, visto que essas mulheres, em sua maioria, têm filhos. A inserção da mulher nessa prática é importante pela renda gerada, assim como pelo forte vínculo afetivo atrelado a ela, haja vista se tratar de uma atividade transmitida por gerações, o que demonstra o seu caráter cultural.

3. PARTICIPAÇÃO DA CDMC NOS CIRCUITOS DA ECONOMIA: DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO.

3.1. A teoria dos circuitos da economia urbana

No século XX muitos dos países do Terceiro Mundo entraram em um intenso processo de urbanização e, também, de metropolização, caracterizando o período da chegada de indústrias e modernização de etapas de seus processos produtivos. No cerne dessa nova realidade urbana e social, surgiu a necessidade de formulação de interpretações teóricas sobre o processo de urbanização do Terceiro Mundo e suas características, assim como para fazer frente à transposição de teorias elaboradas para o mundo desenvolvido às realidades dos países subdesenvolvidos.

Na década de 1970, Milton Santos sistematiza e apresenta a teoria dos circuitos da economia na qual empenhou-se em entender quais as consequências espaciais do processo de modernização tecnológica aplicado às cidades dos países de terceiro mundo. Afirma-se a partir de dois circuitos da economia urbana: de um lado, um circuito superior composto por atividades tecnologicamente modernas; e, de outro lado, um circuito inferior composto pelas atividades que adotam soluções tecnológicas não modernas, recentes ou passadas (SANTOS, 1978). O autor atenta também para o fato de que os circuitos não constituem sistemas fechados, mas subsistemas interdependentes entre os quais estabelecem-se relações de complementaridade e competição (SANTOS, 1978).

Por meio da teoria dos dois circuitos da economia urbana, as possibilidades de satisfação das necessidades, baseada numa sociedade típica dos países subdesenvolvidos, acabam criando diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Percebe-se, assim, a causa e o efeito da existência de diferentes circuitos de produção, de distribuição e consumo nas cidades desses países.

Deste modo, para Montenegro (2012), as atividades urbanas e a população a elas associadas são distinguidas em função dos diversos graus de tecnologia, capital e organização que utilizam. Quando estes são altos, trata-se do circuito superior, incluindo sua porção marginal; quando são baixos, trata-se do circuito inferior. Montenegro (2012), descreve:

O circuito superior - composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores - é o resultado direto das modernizações que atingem o território. O circuito inferior, por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo dos mais pobres (MONTENEGRO, 2012, p. 09).

Ambos os circuitos econômicos, definidos por Santos (1978), são derivados do processo de modernização tecnológica e estão inter-relacionados, uma vez que compartilham a gênese, os agentes, os insumos. Segundo Santos (1978), os circuitos instituem entre si relações de complementaridade. Adverte, contudo, que as complementaridades não eliminam a concorrência e as hierarquias, sobretudo do circuito inferior que, em realidade, é dependente do circuito superior.

A teoria dos circuitos se propõe a romper com o paradigma dicotômico da oposição entre moderno e tradicional, capitalista e não-capitalista, assim como da consideração exclusiva do aspecto da produção, que não leva em conta as esferas da distribuição, do consumo e do emprego.

3.2. O bordado e sua produção industrial nos moldes da acumulação flexível

O comércio e o consumo são elementos relevantes para a sociedade capitalista e estabelecimento do processo de organização do espaço. De acordo com Corrêa (1986), a organização

espacial, depende da forma como homem se relaciona entre si e com a natureza por meio do seu trabalho social. O autor aponta que “A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criado pelo homem e dispostos sobre a superfície da terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução).” (CORRÊA, 1986, p. 55).

Em uma sociedade capitalista, a reprodução dos muitos segmentos sociais se dá através de diversos meios, em que sua organização espacial refletirá tanto a natureza de classes da produção e consumo de bens duráveis (materiais), como a dominação exercida sobre a relação entre essas classes que emergiram das relações sociais relacionadas à produção.

Segundo Santos (1978), os espaços, no período técnico científico-informacional, são requalificados para atender aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e, conseqüentemente, são incorporados às novas correntes mundiais. Desta maneira, os locais especializados na produção mercadorias para o circuito inferior passam a ser integrados, na lógica capitalista da economia globalizada.

Ao tentar entender a confecção do em Maranguape, Silva (2009) identifica que esta é uma prática histórica que acompanha a vida da cidade, desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses que trouxeram a prática dos bordados à mão e do *richelieu*. Silva (2009) afirma que:

O bordado surgiu nessa região com o povoamento lusitano, a partir do século XIX, e atualmente compõe o patrimônio histórico e cultural da cidade. Ao longo do tempo, a produção do bordado se tornou a atividade mais comum da região, passando a ser alvo de grandes investimentos por parte do governo e de instituições privadas. Hoje a organização do processo produtivo por meio da formatação de cooperativas e associações na região é uma constante, caracterizando os reflexos do sistema industrial de produção no modo de fazer artesanato (SILVA, 2009, p. 49).

Destarte, o bordado do município tem cada vez superado a esfera das atividades cotidianas para adentrar nos espaços da vida econômica alterando a dinâmica urbana em Maranguape. Assim, entra em cena um pano de fundo, tecido pelas mãos das pessoas mais humildes e também pelas pessoas mais abastadas do município, que constroem regularmente os circuitos da economia urbana.

Nesse contexto de inserção do artesanato em novas relações de consumo, este passa a atuar de formas distintas, considerando a significações e identidades que lhes são destinadas. O bordado, uma tipologia do artesanato, deixa de ser um simples resultado das práticas dos artesãos e, agora, visa atender aos desejos e valores da sociedade capitalista, tendo sua produção orientada para um comércio de luxo, apoiadas por novas práticas economicistas favorecidas pelo processo de reestruturação produtiva. Muniz; Silva; e Costa (2011) afirmam que:

Em linhas gerais, a reestruturação produtiva, calcada na produção flexível, propiciou uma reorganização do processo de gestão da produção e da força de trabalho, com novas práticas gerenciais, uma nova lógica de produção de mercadorias, o desenvolvimento de novas tecnologias e a descentralização produtiva, com a terceirização ou as realocações industriais” (MUNIZ; SILVA; COSTA, 2011, p. 16).

Ao tentar relacionar o modo de produção flexível com a prática do artesanato, Canclini (1983) reconhece que os artesãos que desenvolvem atividades manuais não estão fora da lógica do sistema capitalista e muito menos realizam de maneira depreciativa. De acordo com ele, “as peças de artesanato podem colaborar para a revitalização do consumo, por introduzirem na produção industrial e urbana, a um custo muito baixo, desenhos originais e o diferencial simbólico” (CANCLINI, 1983, p. 65)

Assim sendo, no distrito de Sapupara, o bordado se destaca. Muito embora essa atividade seja marcada pela tradição lusa, as bordadeiras do Município deram características bem nordestinas a esse bordado, pelas cores vivas e os desenhos autênticos inspirados na fauna e flora regionais.

O bordado sapuparense está diretamente ligado a duas vertentes. A primeira permeia em torno de sua importância cultural, seu valor simbólico que se reflete na identidade de um determinado grupo social. A segunda vertente é condicionada por seu valor de comércio, as múltiplas relações surgidas a partir do desempenho dessa atividade e as possibilidades advindas de sua comercialização.

A mundialização da economia e o sistema capitalista vigente fazem do bordado sapuparense, portanto, produto inestimável por atender a necessidades diferenciadas de consumidores na atualidade. Isso está no fato dele agregar valor cultural e simbólico a mercadoria, como bem explicitado por Diva Mercedes, coordenadora do Programa de Artesanato do SEBRAE/CE durante os anos de 2001 a 2006: “O que diferencia a aceitação do trabalho de um artesão dos demais, é o apelo comercial voltado para a cultura local; logo, [continua] é necessário manter a diversidade no artesanato de maneira que se resguarde as suas características como bem cultural.” (GALVÃO, 2006, p. 22).

Como bem exposto por Diva Mercedes fica evidente a importância dos trabalhos artesanais frente a menção que se tem de tais produtos no mercado atual. Especificamente sobre o artesanato, Canclini (1983), ao atentar para o modelo de acumulação flexível vigente afirma que a produção artesanal na contemporaneidade é uma “necessidade do capitalismo”, pois assim como os outros tipos de manifestações populares, ela desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho atuando de maneiras diferentes dentro do sistema.

3.3 A participação do bordado da CMDC nos circuitos da economia

O valor de comércio do bordado é alto, tendo em vista que sua produção artesanal lhe confere valor pela exclusividade. Para que as bordadeiras possam produzir o *richelieu*, a compra da matéria-prima, tecidos e linhas, é feita em Fortaleza por Nívea Neves, nora de Dona Maria. As sacolas

de embalagem são compradas em Maranguape. Durante o processo produtivo do *richelieu* na CDMC observamos que as ferramentas utilizadas são de cunho tradicional ou rudimentares, em que se sobressai realmente na produção do *richelieu* é a habilidade e destreza das artesãs. Se faz necessário ressaltar que todos os bordados podem ser trabalhados em máquina rudimentar, entretanto nem sempre podem ser feitos em máquina industrial, a exemplo do *richelieu* aqui discutido.

Com relação a produção do bordado, observamos que esta é feita de forma flexível em relação ao processo de produção e ao tempo, sendo, geralmente, realizados nas residências das bordadeiras. Somente na fase de finalização das peças as bordadeiras se reúnem na Confecção Dona Maria do Carmo. A prestação de contas do que foi produzido e dos lucros acontece aos sábados.

Na distribuição e venda das peças acontece a conexão entre os dois circuitos da economia urbana. Uma parcela dos produtos permanece no circuito inferior, tendo como consumidores alguns turistas advindos, principalmente, do Maranhão e Piauí, e também de Fortaleza, através de vendas diretas. Outra parte insere-se no circuito superior a partir da encomenda de marcas como, por exemplo, a Água de Coco, da estilista Liana Thomaz, na qual as bordadeiras não possuem controle sobre a mercadoria e não têm conhecimento do preço que suas peças são vendidas.

No processo de articulação entre produção e comércio é preciso destacar a importância da propaganda. No tocante ao meio de divulgação na CDMC, a única identificação sobre o produto é um cartão de contato de dona Maria do Carmo que vai em uma sacola simples ao consumidor. Isso ocorre porque, diferente da lógica atual, as produtoras entendem que o produto que está sendo vendido não seja elas e sim o *richelieu*, e assim, o produto torna-se mais relevante que a 'marca'. Também não há grandes preocupações com a embalagem como pontuado anteriormente. Já ao adentrar o circuito superior, as propagandas ganham alcance global através de *sites* de revenda na *internet*.

Como resultado de nossas análises sobre a confecção do bordado em Maranguape embasado nos circuitos da economia urbana, evidenciamos a relação entre produção de confecção, circulação da mercadoria e venda. Desse modo, percebe-se que a CDMC, mesmo que atrelada a uma outra lógica de organização, se entrelaça às especificidades do sistema capitalista. O entendimento das múltiplas relações nesse sistema nos leva ao entendimento que existe, portanto, uma "Indústria do Bordado", que representa para nós as múltiplas articulações no desempenho dessa atividade. Destacamos os sujeitos envolvidos, as articulações e comercialização do *richelieu* gerados, a partir da produção espacial, no distrito de Sapupara, em Maranguape, como fatores característicos e preponderantes para a dinâmica dos circuitos da economia urbana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por compreender de que maneira uma atividade como a confecção do bordado, que à primeira vista pode ser considerada simples por ser tradicional, intervém concretamente na produção espacial de uma cidade, nos põs diante de uma realidade que vai além da escala local. Santos (1978) destacou que os circuitos da economia urbana não se excluem, todavia se integram na produção do espaço econômico e social. Do *richelieu* produzido artesanalmente nas casas das bordadeiras aos produtos de *grife* que desfilam em passarelas de moda e são comercializados nacional e internacionalmente, pudemos entender como a supramencionada relação entre os circuitos se estrutura e dinamiza econômica e socialmente o espaço urbano de Maranguape, ao passo que proporciona a geração de emprego e renda a partir da inserção da Mulher no mercado de trabalho, e, por conseguinte, na sociedade de consumo.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Zenilde Baima. **Indústria e espaço no Ceará**. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tercia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- FAJARDO, Elias; CALAGE, Eloí; JOPPERT, Gilda. **Fios e Fibras**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.
- GALVÃO, Roberto. **Aracati: Labirinto de Sonhos e de luz**. Fortaleza: Edições SEBRAE - CE, 2006.
- GOMES, Maria Terezinha Serafim. **O debate sobre a reestruturação produtiva no Brasil**. In: RAEGA 21 (2011), p. 51-77. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21231/13995>>. Acesso em: 11 mai. 2016.
- GRUPO DA GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS. **Estudos para a Geografia da Indústria no Brasil Sudeste**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano 25, n. 2, p. 155-271, abr./jun. 1963.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.
- INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil Básico Regional 2014: Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: IPECE, 2014.
- LENCIONI, Sandra. **A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.120, p.133-148, jan./jun. 2011.
- MATTOSO, Jorge (Org.). **A desordem do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1996.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização.** Revista Geográfica Venezuelana, v. 53, p. 147-164, 2012

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. **Produção do espaço metropolitano de Fortaleza e a dinâmica industrial.** MERCATOR, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 61-74, set/dez. 2015. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/1647/601>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

_____.; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Reestruturação produtiva, trabalho e transformações no espaço metropolitano de Fortaleza.** Boletim Goiano de Geografia, v. 31, p. 13/1-25, 2011.

_____. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza.** Fortaleza: 2014 (tese de doutorado).UFC.

_____. **Ceará State and the Textile Industry in Time-Space/O Ceará e a Indústria Têxtil no Espaço-Tempo/.** Boletim Goiano de Geografia (Online), v. 36, p. 420-443, 2016.

SANTOS, Marlon Cavalcante. **Do global ao local: a dinâmica da indústria de confecção na Região Metropolitana de Fortaleza - Ceará.** In: Anais do XI - Encontro Nacional da ANPEGE, Fortaleza: 2015. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/20/553.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2016.

SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, José. Borzacchiello da. **A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza - Ceará.** GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 6, p. 222-236-236, 2015. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/426/414>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido.** Rio de Janeiro: Livraria Editora Francisco Alves, 1978.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro. **Crochê e Richelieu: Traços Culturais no Design Brasileiro.** Actas de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo, 2012. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC101.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro. **Quando a cultura entra na moda: a mercadologização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1276/1/2009_Dis_EKRSILVA.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização.** 15. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.